

## **Discurso e ensino: nas malhas do olhar-leitor**

Discourse and teaching: in the meshes of the reader's gaze

Discurso y enseñanza: en las mallas de la mirada del lector

Discours et enseignement : dans les mailles du regard du lecteur

Janete Silva dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT  
janete.santos@ufnt.edu.br

Nílsa Brito Ribeiro<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará – UNIFESSPA  
nilsa@unifesspa.edu.br

João de Deus Leite<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT  
joao.leite@ufnt.edu.br

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT). Vice-líder do Grupo de Estudos Tocantinense em Análise de Discurso.

<sup>2</sup> Professora Titular da Universidade do Sul e Sudoeste do Pará (UNIFESSPA) e do Programa de Pós-graduação em Letras. Líder do Grupo “Práticas discursivas: saber, poder e resistência cultural”.

<sup>3</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT). Líder do Grupo de Estudos Tocantinenses em Análise de Discurso.

“[...] construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito [...]”.<sup>4</sup>

Neste dossiê, e em tantos outros espaços escolares e acadêmicos, estamos às voltas com as potencialidades da Análise de Discurso (AD) de base materialista, para pensarmos as questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de línguas e de suas literaturas. Esse interesse nos coloca no lugar de co-construir a atualidade da AD, em meio a tantos percursos já co-construídos no espaço intelectual brasileiro. O nosso enquadre institucional no campo aplicado<sup>5</sup> escolar e universitário, fazendo manifestar outros objetos de análise que não estavam no cerne da fundação da AD, suscita algumas questões: Como os fundamentos da AD nos permitem ler-interpretar o campo escolar e universitário? Até onde conseguimos ir com a AD para pensar esses campos? O que (não) permite a AD, quando precisamos pensar em efeitos práticos nesses campos? Consideremos, em nossas provocações, o que já postulava Pêcheux ([1971] 2019, p.72) em relação aos efeitos práticos, pois resultantes de uma rede de sentidos produzidos nas e advindos das relações sociais afetadas pela formação social dos sujeitos-grupos em confronto:

[...] compreender que o tipo de concreto com o qual lidamos e sobre o qual pensamos é precisamente o que o materialismo histórico designa pelo termo de relações sociais, que resultam de relações de classe características de uma dada formação social (por meio do modo de produção que a domina, da hierarquia das práticas das quais necessita esse modo de produção, dos aparelhos mediante os quais se realizam essas práticas, as posições que lhes correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que dependem dessa formação social).

Essas perguntas, por sua vez, apontam para o nosso compromisso em relação ao modo como propomos uma co-construção da AD, não perdendo de vista esses campos: a AD (com)porta ler-interpretar o campo aplicado, reconhecendo ali os limites epistemológicos do campo do discurso. Não é à toa que mobilizamos, no formato epígrafe deste texto, uma citação de Pêcheux ([1984] 1998). Por meio dessa citação, e sustentando o nosso desejo como analistas de discurso, usufruímos da posição de Pêcheux ([1984] 1998) evocada em sua época para destacar que a AD nos possibilita um olhar-leitor em que a opacidade das práticas discursivas

---

<sup>4</sup> Pêcheux ([1984] 1998, p. 58).

<sup>5</sup> Por mais que estejamos usando a expressão “campo aplicado” para nos referirmos à prática discursiva do ensino e da aprendizagem de línguas e de suas literaturas, para dizermos do foco deste dossiê, reivindicamos uma problematização em torno dos sentidos que a expressão pode projetar para essas práticas. Estamos interessados em pensar esse campo como reprodução/transformação, considerando os sujeitos e suas tomadas de posição ali implicados.

seja problematizada. Essa opacidade deve ser referida na e pela historicidade dos sentidos no seu caráter equívoco.

Esse conjunto parcelar de questões evidencia a complexidade entre as discussões teóricas e as discussões práticas no campo aplicado, não sendo possível assumir uma perspectiva de correspondência exata entre elas. Um campo não se aplica a outro, e vice-versa. Neste ponto, estamos nos afastando das concepções aplicacionistas entre campos e abordagens. Trata-se, antes de tudo, de pensarmos em atravessamentos entre campos, produzindo um modo outro de concebermos as questões do campo aplicado. Estamos interessados, mais de perto, nos deslocamentos que a perspectiva discursiva faz trabalhar no campo aplicado do ensino e da aprendizagem. Por essa razão, abrimos este texto apostando na ideia de que a AD pode apresentar *potencialidades* ao campo aplicado.

Pensar sobre o ensino e a aprendizagem no domínio da AD requer, de certo modo, o reconhecimento das contribuições teóricas e metodológicas que esse campo de estudos tem oferecido para a compreensão das práticas discursivas produzidas nesse domínio de saber, para além do pragmatismo de estratégias pedagógicas, do domínio técnico e instrumental da linguagem. Sendo a interpretação objeto privilegiado da AD, e considerando a inescapável relação do sujeito com o sentido, ao deter-se a discursividades produzidas em situações específicas de ensino, interessa aos estudos de discurso o modo como essa prática se investe de discursividades na relação com a história.

Da perspectiva da AD, sob a compreensão de que o ensino e a aprendizagem são uma prática discursiva, impõe-se que se considere o fato de que são as circunstâncias históricas e ideológicas que oferecem as condições de enunciações dos sujeitos inscritos em posições discursivas e enunciativas específicas do ensino e da aprendizagem. A AD refuta, portanto, a ideia de práticas pedagógicas vinculadas a uma suposta consciência e a um sujeito autocentrado, privilegiando tanto as reflexões voltadas para as relações de poder que se impõem no jogo das relações hierárquicas instauradas, quanto a dispersão e a incompletude do sujeito constituído por diferentes e múltiplas posições. Assim, ao entrar em relações de ensino e de aprendizagem, o sujeito não apenas produz sentidos sobre um dado saber no mundo, mas, sobretudo, inscreve-se em posições determinadas histórica e ideologicamente.

É sob a consideração das condições históricas que dão materialidade às práticas de ensino e de aprendizagem que a AD tem se voltado aos estudos dessa prática discursiva como uma relação de confronto, justamente porque há diferentes posições-sujeito que colocam em fluxo essa relação, na medida em que tanto os sujeitos quanto os objetos de ensino e de aprendizagem passam pelo crivo ideológico. Por isso mesmo não são os indivíduos

empiricamente envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem que interessam aos estudos de discurso, mas as relações simbólicas determinadas pelo jogo imaginário do espaço institucional escolar e universitário orientado tanto pela memória histórica desses espaços quanto por relações entre sujeitos, objetos e posições imaginária.

Essa perspectiva requer a compreensão de como o arquivo, a memória, as formações discursivas recortam posições nas quais se inscrevem os sujeitos envolvidos nos processos enunciativos específicos no campo aplicado. Assim, ao colocar questões sobre o ensino e a aprendizagem, a AD indaga as redes de memória que atualizam o arquivo de tudo que já se formulou acerca do ensino e da aprendizagem, em nossa sociedade; indaga as condições históricas que produzem restrições sobre os discursos do ensino e da aprendizagem, a seleção de objetos de ensino e de aprendizagem, as relações imaginárias que orientam os processos enunciativos nas práticas de ensino e de aprendizagem.

Para isso, a AD propõe gestos de interpretação que desloquem o sujeito de supostas evidências, sacudindo efeitos de certezas para dar lugar à relação entre história, sujeito e linguagem, mediada pela estabilidade e pelo equívoco, pela estrutura e acontecimento (Pêcheux, 2008). É evocando a relação entre o retorno ao já-dito e seus deslocamentos que o autor propõe enfrentar a reflexão sobre a AD mediada pela tensão entre a descrição e a interpretação.

Situando a dupla relação na interpretação da produção de sentidos sobre o/no discurso, a AD trabalha os processos de significação historicamente produzidos, fazendo irromperem as falhas, os equívocos, mostrando como nesse processo há mais do que habilidades e competências individuais, ou seja, há um ideal de sujeito que orienta o que ensinar e como ensinar. A leitura e a escrita, por exemplo, não entram nas práticas de ensino e de aprendizagem escolar e universitária como um dado neutro; a cada concepção de escrita e de leitura corresponde-se uma representação de sujeito formulada e controlada ideologicamente.

É sob a compreensão das condições mais amplas de produção de sentidos, sobre as políticas públicas de ensino e de aprendizagem, que um dos pontos de reflexão da AD é indagar métodos e objetos, não por eles mesmos, mas sim como técnicas que compõem o dispositivo de formação que dá configuração identitária específica aos sujeitos que se inscrevem nessa prática social e discursiva. As dimensões histórica, política e ideológica estão na base das regulações e dos controles que definem “as coisas- a-saber” (Pêcheux, [1983] 2006), muito mais do que questões técnicas de configuração dos objetos de ensino definidos como imprescindíveis em cada momento histórico de nossa sociedade. Tratando-se da linguagem, basta atentarmos ao fato de que as exigências de natureza social, política e cultural endereçadas

à língua e às disciplinas que dela tratam, ao longo da história do Brasil, começando com a nossa história de colonização, sempre estiveram na base das mudanças desta área de saber.

Assim sendo, a AD desnaturaliza formulações que colocam o ensino e a aprendizagem em uma mera relação lógica de suposta transmissão do conhecimento, assim como em uma relação linear e inequívoca entre professor e aluno. A relação de interação para a AD é recolocada com a questão da opacidade das formulações produzidas nos processos discursivos específicos dessa prática. No processo de ensino, o professor é interpelado a se inscrever em uma posição-sujeito, que formula, no espaço das estratégias pedagógicas, “proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de respostas unívocas (é sim ou não, é x ou y etc.) [...]” (Pêcheux, [1983] 2006, p. 28), e o aluno, o sujeito da aprendizagem que deve apropriar-se tecnicamente do saber escolar numa relação também inequívoca com o saber transmitido.

Fugindo da armadilha da discursividade logicamente estabilizada é que Pêcheux ([1983]2006) propõe um outro tipo de saber que não se reduz à ordem das coisas, postulando também a existência de um outro real, “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (Pêcheux, [1983] 2006, p. 43).

É nesse espaço de um real constituído no entrecruzamento entre linguagem e história que a AD, ao tomar questões concernentes ao ensino e à aprendizagem como um fato de interpretação, trabalha a língua “sob a forma de existência do simbólico”, do equívoco, da falta. (Pêcheux, [1983] 2006, p. 50). Os processos de ensino e de aprendizagem são, portanto, apreendidos em sua relação equívoca com os sujeitos nele envolvidos. É dessa forma que, segundo Foucault (2002, p. 8), “as práticas sociais podem chegar a engendrar novos domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem aparecer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos do conhecimento”.

Se, conforme discute o referido autor, toda verdade é verdade de um dado momento histórico, submetida a critérios específicos do próprio momento histórico, político e ideológico, as questões concernentes ao ensino e à aprendizagem, tornadas objeto de interpretação pela AD, só podem ser mobilizadas considerando as restrições da história impostas a tal objeto. Assim, a compreensão das verdades produzidas discursivamente sobre o ensino e a aprendizagem, seus objetos, seus métodos, assim como sobre os sujeitos da relação circunscrita a esse domínio de saber em dadas circunstâncias históricas, requer gestos de interpretação que considerem a articulação entre os saberes já-ditos e os deslocamentos de sentidos para novos efeitos de interpretação.

Dessarte, abrindo o presente dossiê, Ana Luiza Silva Lima e Welton Diego Carmin Lavareda, no artigo *Cidade, escola e letramentos de reexistência: um percurso discursivo*, analisam a potencialidade didática de letramentos de reexistência na cena periférica da cidade de Belém do Pará, a partir de enunciados transversais, pondo em diálogo perspectivas dos pesquisadores Souza, Canevacci e Fiorin. Um dos objetivos da pesquisa é repensar estratégias didáticas que aproximem mais o estudante do ambiente escolar

Na sequência, Ana Maria Nunes dos Santos Clemente e Edjane Gomes de Assis, partindo do posicionamento foucaultiano de que as políticas de ensino são “um ritual da palavra” e ancoradas nas diretrizes da BNCC e em outros documentos oficiais que norteiam ensino no país, no trabalho *Ensino em perspectiva discursiva: o Podcast como um lugar de escuta*, tomam o gênero podcast e apresentam uma importante reflexão sobre bullying. O texto é um relato de experiência em sala de aula com uma turma do Ensino fundamental II de uma escola pública do Ceará.

Isabela Karolina Gomes Ferreira Oliveira e João Carlos Cattelan, no artigo *O discurso transversal e o pré-construído: atravessamentos ideológicos na concepção do corpo feminino “ideal”*, trazem parte do resultado de pesquisa de mestrado efetuada por Oliveira, na qual entrevistou mulheres “gordinhas”, problematizando “o culto do corpo magro que sobrepaira, impositivamente, sobre o universo feminino”, debulhando a ideologia dominante nesses discursos.

No quarto artigo, *Espaço e sentido: análise semiótica de dissertações de mestrado profissional em letras*, Luiza Helena Oliveira da Silva e Said Moreira Araújo apresentam um recorte de pesquisa em andamento, na qual analisam, com base na semiótica discursiva, o modo como o espaço escolar é percebido e enunciado em dissertações de mestrado produzidas por docentes que atuam no “chão da escola”.

Priscila Marinho, no artigo subsequente, *Uma análise foucaultiana dos discursos em relação à família produzidos por alunos de Espanhol do Ensino Médio*, ancorada na noção de “biopoder”, discute o modelo familiar que se estabeleceu a partir da ascensão da burguesia, tendo como aporte teórico o estudo desenvolvido pelo historiador Philippe Ariès, que analisa os conceitos de família desde a Idade Média até a época moderna.

Valéria de Cássia Silveira Schwuchow, Ezequiel Nunes Pires e Solange Mittmann, no penúltimo artigo, *Teoria e prática de leitura: conceitos em batimento, saberes em movimento*, lançam um olhar discursivo materialista sobre a leitura e o ensino da leitura, mediante relato de uma proposta visando à elaboração de atividades de leitura e de produção feita em disciplina, ministrada sobre ensino de leitura – que faz parte da estrutura curricular do curso de licenciatura

em Letras de uma universidade federal –, objeto tão caro à formação de professores da educação básica.

Fechando este dossiê, o artigo *A prática de ensino/aprendizagem da técnica de escrita para roteiro linear e não linear: considerações discursivas e aplicadas*, de Vanda Maria de Sousa, faz uma breve incursão sobre a relação entre linguagem, sujeito e história no contexto do ensino-aprendizagem de roteiro audiovisual digital. Pensando práticas formais e não formais de ensino, Vanda Sousa investiga como é que os processos de subjetivação instaurados por essas práticas se manifestam neste campo específico.

Nesse processo de co-construção da atualidade da AD, em suas diferentes manifestações, o que pressupõe o gesto de questionar as evidências, de expor o olhar-leitor à opacidade das práticas discursivas, gostaríamos de agradecer aos editores da Revista Heterotópica pelo espaço acadêmico aberto para nós e aos pesquisadores que se lançaram à proposição de seus textos para a composição deste dossiê. A AD, como campo fértil no espaço intelectual brasileiro, só se sustenta pela abertura dos sentidos, (re)significados na e pela historicidade.

## Referências

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Cabral de Melo; Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso. **Cadernos de Tradução**, n. 1. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 1998.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: Carlos Piovezani; Vanice Sargentini. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2019, p. 63-75.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2002.